

Dia das Mães

Massagem dos filhos, brincadeiras com massinha, poesia e bolo de chocolate. Uma comemoração para ninguém esquecer *Pág. 6*



POESIA DO G5M

MAMÃE QUERIDA

VOCÊ É A FLOR DO DIA

E MUITO LINDA

EU GOSTO QUANDO VOCÊ

USA PERFUME

E TOMA BANHO

GOSTO DO SEU ROSTO E

DO SEU CABELO

ADORO TE ABRAÇAR

FICAR NO SEU COLO

E TE BEIJAR.

POESIA DO G6T

MAMÃE EU TE AMO

DO FUNDO DO MEU CORAÇÃO

VOCÊ É A FLOR MAIS LINDA DO
MEU JARDIM

A RAINHA DO MEU REINO

VOCÊ É O MEU DIAMANTE

QUANDO EU FICO TRISTE OU ME
MACHUCO, QUERO VOCÊ POR
PERTO ME ABRAÇANDO E
BEIJANDO

É BOM OUVIR QUANDO VOCÊ DIZ
EU AMO VOCÊ MAIS DO QUE
TUDO.

POESIA DO G6M

VOCÊ É A MAIS BELA

UMA CINDERELA

QUE COZINHA NA PANELA

COM CARINHO E AMOR

VOCÊ É A MAIS LEGAL

É SENSACIONAL

A FLOR DO MEU QUINTAL.

SEU SORRISO ME ILUMINA

E AQUECE MEU CORAÇÃO

AQUI NO GRÃO DE CHÃO.



A chupeta nossa de todos os dias

Como os pais devem se preparar para a hora de tirar a chupeta dos pequenos. *Pág. 9*



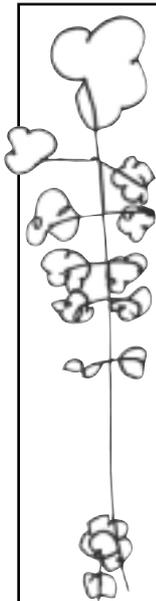
Curumins em festa na aldeia Grão

Professoras da escola contam como foi a comemoração do Dia do Índio. *Págs. 4 e 5*



Crianças na TV: ligar ou desligar?

O que a televisão tem de bom para nossos filhos e de que modo podemos usá-la. *Pág. 8*



Índios, mães e chupetas

Começo o *Editorial* contando que a equipe do jornal aumentou, o que nos deixou muito satisfeitos. Sérgio, pai do Nicolas (G5) e a Keren, mãe do Caubi (G3M), são nossos novos colaboradores – e já participam com matérias nesta edição.

Iniciamos o jornal com texto da Paula, que aborda o trabalho do Semi-integral sobre a guerra no Iraque e a visão das crianças em relação ao assunto. A Lucília nos mostra como foram as primeiras experiências nas oficinas de arte que ocorrem quinzenalmente, aos sábados, no *Grão*. Ainda nos assuntos do *Grão*, Paola escreve sobre como foi a experiência do G6 com a entrada da lição de casa em sua rotina. Na página central, as professoras da manhã e da tarde fazem delicioso relato das comemorações do Dia do índio.

Na coluna *Pais que Escrevem*, muitos assuntos

para discutirmos. Primeiro, Mônica e Cyntia falam da comemoração do Dia das Mães no *Grão*. Gostaria de dizer que adorei e que o momento da poesia do Pré emocionou as mães. Temos ainda a matéria do Zé, pai do Zé Pedro (G5M), sobre a delícia de partilhar com nossos filhos passeios e aventuras. Já o Sérgio traz um assunto que faz parte do meu dia-a-dia com o João e, provavelmente, do de outros pais: a relação da criança com a TV. Por fim, a Keren fala da retirada da chupeta de seu filho, Caubi; e como é esse momento para nós e nossos filhos. A Cláudia, professora da tarde, faz resenha sobre o assunto. Em *Dicas*, as receitas de massinha e do bolo de maçã servido no Dia das Mães. Uma delícia! Aproveite o jornal.

Mônica, mãe do João (G4M)

Impressões sobre a guerra e a paz

Em março, fomos procuradas pela revista *Crescer* para fotografar trabalhos de sucata que representassem a paz e as virtudes. Para que o tema fosse desenvolvido de forma significativa com as crianças, Paola e Carolina, professoras do G6, fizeram uma roda de conversa com seus grupos sobre a coleta seletiva feita na escola, a preservação da natureza e a reciclagem. Veja a seguir trechos da conversa:

- Para que o planeta fique menos poluído e bom para todos, no *Grão* nós separamos o lixo produzido em três tipos de recipientes: copos descartáveis, papéis e lixo comum.

- Cidadão é o habitante, o morador.

- Nós, cidadãos de São Paulo, temos direitos e deveres a cumprir. A paz é um dever que temos de espalhar para todos. Não devemos fazer guerras para acabar com a vida das pessoas. Existem muitas pessoas fazendo coisas erradas: poluem a terra, a água e o ar, cortam árvores, fazem os animais sofrerem, acabam com a água, queimam florestas, matam os animais, deixam os cachorros sujar as calçadas com cocô, brigam muito umas com as outras no trânsito, na rua etc.

- A guerra destrói as casas, destrói as pessoas, machuca as crianças e deixa todos tristes. A paz traz alegria e amor.

- No *Grão* temos direitos e deveres. Temos o direito de brincar, nos divertir, fazer

amigos, pular corda, aprender, desenhar, subir nas árvores, dar risada, beijar, colocar nossa opinião, subir no pau-de-sebo, abraçar. Temos o dever de respeitar os combinados de não correr, não subir nas carteiras e no poste de luz, trabalhar, estudar, aprender, respeitar os amigos e professoras, fazer lição de casa, arrumar o material de sala e do quintal, não machucar e matar os animais do *Grão*, não arrancar as plantas, cuidar dos brinquedos da escola, respeitar a pessoa que está falando, não jogar areia no amigo e ensinar os bebês a não bater nos amigos.

Na oficina de arte, as crianças fizeram brinquedos de sucata representando a paz. Muitas delas quiseram construir uma casa porque “casa traz segurança e protege as pessoas. Em casa existe vida; e vida é paz”.

Como não sabíamos se a reportagem sairia, resolvemos tirar uma foto e fazer um cartão virtual, que enviamos pela Internet aos pais do G6. Assim pudemos dar nossa opinião sobre esse assunto tão importante.



Lucca, Lucas, Giancarlo, Geórgia, Theo, Marina, Victória, Luisa, Amanda, Beatriz, Helena, Isadora, Davi, Lior, Stephanie, Jorge, Paola, Carolina, Paula, Lucília

Paula Ruggiero, coordenadora pedagógica
OBS. A reportagem saiu em maio, mas com abordagem diferente da idéia inicial, já que a guerra havia terminado.



Os sábados de arte nas oficinas do *Grão*

Nas oficinas de pintura, as crianças descobrem o prazer de “criar” cores e de mexer com os mais diversos tipos de tinta



Em maio, começamos a ter nos finais de semana uma programação de arte que tem nos rendido vivências especiais. A proposta de trabalho de pintura, “arquitetada” pelo arteiro Cláudio Barros, tem mostrado como as crianças gostam de descobrir as cores e mexer com as tintas.

No primeiro sábado, trouxemos pigmentos naturais. Após misturar tudo com cola e água, fizemos três painéis baseados na leitura de pinturas rupestres. As crianças entraram no espírito dos homens das cavernas e, deixando os pincéis e brochas de lado, pintaram e marcaram com as mãos o papel esticado na parede.

No segundo sábado, Cláudio e Maia conseguiram, junto

com as crianças, produzir mais de 100 cores diferentes com tonalidades entre azuis, amarelos, verdes, vermelhos... Antes das crianças começarem a pintar, Cláudio mostrou à turma obras de artistas do grupo Cobra e de Paul Klee.

O projeto de oficinas de arte aos sábados é direcionado a crianças de 5 anos em diante, alunos, ex-alunos, primos e amigos. O projeto aposta na experiência dos educadores do Grão associados a vivência artística do artista plástico.

Quem quiser se inscrever ainda dá tempo.

Lucília Franzin, coordenadora pedagógica

Lição de casa. O que fazer para ajudar?

O objetivo da lição é desenvolver nas crianças a autonomia e a responsabilidade

Quando chegam ao Pré, as crianças estão ansiosas pelas lições de casa. A lição confere status, amadurecimento, crescimento e desenvolvimento. É justamente aí que ela também gera dúvidas e incertezas. Sentimentos contraditórios pairam sobre crianças e pais: as crianças percebem que a lição tem um caráter definido. O prazer e a empolgação iniciais são acrescidos do sentimento de obrigação, e os pais não sabem exatamente como proceder com os filhos que pedem ajuda em casa.

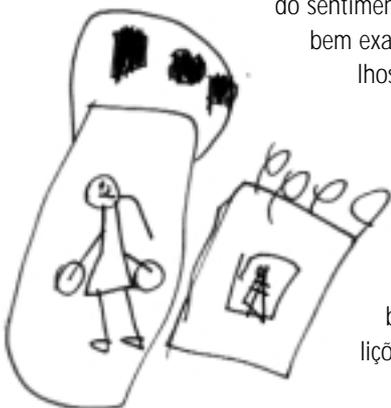
A lição de casa deve ser tratada como algo muito especial... Tudo que é mandado para casa é trabalhado na escola anteriormente. O objetivo é desenvolver na criança autonomia e responsabilidade, necessárias no trato com as lições. Elas requerem organização, lim-

peza e legibilidade. Em casa, é importante que os pais ajudem seu filho a criar boas condições para a realização desta nova atividade: espaço adequado para o trabalho, local tranquilo, horário previamente estabelecido e a lembrança de que a lição deve retornar para a escola no dia seguinte.

Na escola, recebemos a lição e discutimos coletivamente como cada criança o resolveu, verificando as idéias e as hipóteses de cada uma. Essa é uma etapa muito importante na trajetória da aprendizagem de nossas crianças.

Mesmo sendo uma obrigação, a lição no pré é divertida e cheia de desafios gostosos de enfrentar. Se encarada com tranquilidade por todos, terá sempre aspectos positivos a acrescentar na trajetória escolar de nossas crianças.

Paola Lincoln Assolant, professora do G6M





Professores com olhos de índio

Com os corpos pintados, nossos curumins dançam, cantam e comem peixe. A equipe do *Grão* conta como tudo aconteceu

“Foram muitos os preparativos... Rodas de músicas, brincadeiras, jogos indígenas, pinturas corporais, grafismo, modelagem, confecções de adereços (cocar, colar e lança) e vivências dos rituais indígenas. Durante esses preparativos, o *Grão* tornou-se uma grande aldeia na qual curumins e caciques se preparavam para a grande festa...”

No dia, chegavam curumins de vários cantos trazendo peixes, milho, mandioca, frutas... Aos poucos iam se caracterizando com seus colares, lanças, cocares e pinturas corporais. Eram momentos mágicos em que curumins se tornavam grandes guerreiros, caçadores, pajés, caciques e até mães zelosas.

Enquanto no centro da aldeia os curumins pescavam e preparavam os peixes, no interior das pequenas ocas, frutas eram picadas, a mandioca era frita e os sucos preparados...

Quando tudo ficou organizado, formou-se uma grande roda no centro da aldeia na qual o povo indígena agradeceu seus alimentos por meio de músicas e danças. Após o ritual, saborearam o

que haviam preparado.

O sinal dos tambores, iniciou-se a corrida da tora. Dois grandes grupos correram em revezamento com as toras em seus ombros, eufóricos para vencer.

Foi um dia muito especial em que partilhamos com as crianças o respeito e o conhecimento de uma cultura diferente da nossa.”

Raquel, Carolina, Rita e Cláudia, professoras do período da tarde.



O peixe

“Os peixes foram chegando e animando todos. O cheiro era ruim, mas ninguém queria sair de perto. Peixes grandes, médios, pequenos. Com dentes afiados, olhos abertos, outros esbugalhados. Quanto fascínio!”

Lavamos tudo e temperamos com limão e sal. Antes, uns cortes para que o tempero penetrasse.

– Ah! Coitado do peixe, tá cortando ele!

Montamos a churrasqueira e fizemos rolinhos de jornal para colocar junto ao carvão.

– Que dureza acender esse fogo. Será que para os índios também?

Fogo aceso, peixe assando.

– Que horas vai ficar pronto? Vai demorar?

Cheirávamos à gente defumada, junto com os peixes. Enquanto não assavam, os curumins caçavam, brincavam, comiam frutas, mandioca...

– O peixe está pronto! – Todo mundo quer experimentar...

– Olha a coluna do peixe!

– Hum, tá uma delícia!”





A corrida da tora...

“Após a comilança, uma disputa de tora – a chamada corrida de tora – era aguardada na aldeia... Enormes tubos de papelão se transformaram em pesadas toras que, apoiadas sobre o ombro, deveriam ser passadas o mais rápido possível para os integrantes de cada equipe, definindo assim a equipe vencedora.

As equipes estavam bem treinadas e o resultado da brincadeira foi um empate no placar final.

A animação dos curumins contagiou todos os pajés e caciques da aldeia *Grão de Chão!*

Para reabastecer as energias de nossos pequenos guerreiros, o peixe que assava no chão de terra, começava a dar os primeiros sinais de que estava no ponto para ser devorado...”

Com a festa, pudemos compartilhar o intercâmbio de informações, hábitos, religião, cultura e vivenciar um verdadeiro dia de índio.

Paola Assolant, professora do G6M



A pintura corporal...

“Nossos pequenos índios haviam entendido por meio das lendas, fotos e conversas que a pintura era mágica, que os transformava em guerreiros ou em lindas índias das histórias. Queriam as cores no rosto e no corpo e faziam suas referências.

Silenciosamente, à sua maneira, entendiam a força do vermelho e do preto e os escolhiam para caracterizar-se.”

Karina, professora do G3 M

Nossa aldeia...

“Fora da casa (nossa sala), estávamos realmente na tribo, no meio da floresta. Eu, chamando os curumins para colocar os cocares. A Karina fazendo pintura nos guerreiros e acendendo a fogueira. A Sílvia, trazendo novos elementos e idéias de enfeites corporais e montando a oca. A Paola preparando os alimentos. E a Maia preparando e estudando os peixes com sua turma.

Na hora de comer, comeram também como índios. Sentaram nas esteiras para degustar o peixe assado.”

Luciane, professora do G1/G2 M

A cerâmica produzida...

“Trabalhamos em grupinho contando lendas indígenas, fazendo potes de cerâmica, desenhando com carvão, observando os grafismos; conversando sobre a cultura, hábitos e costumes.”

Maia, professora do G5M



! CORRIDA DE TORA !



! PINTURA CORPORAL !



! A CAÇADA !

“Paola, sei que a gente não é índio de verdade. Mas eu to me sentindo como se fosse!”, Davi (G6M), no dia da festa do índio





Um dia para nunca esquecer

Massagem, bolo, massinha e muita, muita emoção. Assim foi o nosso Dia das Mães



Dia 9 de maio. Chegou a comemoração do Dia das Mães. Preocupo-me com os preparativos e meu coração começa a ficar ansioso com a bateria de emoções que iria rolar. Toco a campainha e logo de cara encontro minhas duas filhas me aguardando grudadas no portão. Pronto. Minha garganta apertou, a voz engrossou e a emoção começou – é claro que este é o relato de uma mãe suspeita de ser muito água-com-açúcar. Mas quem será que segura?

Imagine que delícia aquelas mãozinhas fazendo massagem na gente! E eu

me pergunto: naquele momento, quem eram as mais emocionadas? As mães ou as crianças? Como é lindo viver esse amor dos filhos pelos pais. Como é lindo pensar o quanto de amor, carinho e atenção podemos doar para esses pequenos seres tão emocionantes. Olhar a alegria de uma criança me deixa bêbada de felicidade. Proporcionar uma grande parte dessa alegria me completa como ser humano. Como se o amor fosse muito simples.

Depois da massagem, uma mesa muito caprichada nos aguardava para que

compartilhássemos nossa criatividade com as crianças. E aí, pensei, o que posso criar? Será que tenho alguma idéia boa?

E as crianças naquela expectativa: “será que a minha mãe entende desse assunto”? E as minhas mãos foram deslizando naquela massinha fofa até que saiu um quadradinho, que minha filha, orgulhosa, quis mostrar para todo mundo... “Olha o que minha mãe fez! E, daí, o bolo de chocolate me lambuzou por completo.

Mônica, mãe da Elisa (G5T) e Vitória (G2T)



MODELAGEM COM MASSINHA



MASSAGEM NAS MÃES



Ansiedade e orgulho

A chegada no *Grão*, os minutos que antecedem à festa, as mães ansiosas, como eu, na frente do portão aguardando o momento de poder entrar e, orgulhosas, abraçar os pequenos. Eles nos recebem com muita festa. É emocionante presenciar a expectativa da nossa chegada. Os olhinhos de todos demonstram a felicidade e o prazer de um momento tão importante: o de dividir o mundo *Grão*.

O dia estava simplesmente esplêndido e a massagem, gloriosa. Receber aquela homenagem das crianças e da equipe do *Grão* foi um verdadeiro privilégio. Apesar desta mãe aqui ter queimado o quadro de massinhas que fizemos em conjunto com a Juju, fica a eterna lembrança de um Dia das Mães delicioso.

Um especial agradecimento ao G6 pela poesia e pela música.

Cyntia (mãe da Julia G2M)



Aventura na mata

As alegrias e os prazeres de um passeio de domingo com as crianças em meio à natureza da Serra do Mar

Olá amiguinhos. Eu sou o Zé Pupo, pai do Zé Pedro, aluno do G5M. Desde pequenino eu gosto muito de estar na natureza, andando pelas matas, remando em caiaque pelos rios, pedalando por lindas trilhas. É a minha forma de estar sempre juntinho de Deus, pois a natureza é o maior presente que ele nos deu.

Um domingo desses estávamos na praia do Engenho e, ao olharmos para Serra do Mar, que fica logo atrás da nossa casa, o Zé Pedro comentou como ela estava linda e convidou-me para um passeio pela mata.

Logo percebemos que um passeio desse tipo fica muito mais animado se for feito junto com os amigos. Por isso, convidamos o Bernardo e o Stefano, dois amiguinhos que estavam conosco. Para “engrossar a turma”, chamamos também a Nau, mãe dos nossos amiguinhos. Quem não poderia faltar era a Bia, babá do Zé Pedro, que é super divertida...

Logo no início da trilha, sentimos aquele cheirinho de natureza, tão gostoso de sentir. A mata também tem sons muito legais, como o canto dos pássaros, dos grilos e das cigarras. O clima estava uma delícia e a floresta despertou a fantasia em nossas mentes. Logo estávamos correndo pela trilha combatendo muitos “monstros de mentirinha”. O Zé Pedro gosta muito de arco e flecha, o Bernardo prefere a lança e o Stefano usa mais a espada.

Depois de muitas “lutas e brincadeiras”, chegamos a uma linda cachoeira. Todos estavam com muito calor e a água gelada da queda d’água foi um ótimo refresco. O Zé Pedro e o Stefano já sabem nadar e aproveitaram para dar um mergulho comigo. As meninas e o Bernardo preferiram ficar brincando nas pedras.

Antes de prosseguir pela trilha, aproveitamos para fazer um lanchinho, pois caminhar pela mata e tomar banho de cachoeira dá muita fome...

No caminho de volta, resolvemos dar um susto na Bia e na Nau. Corremos todos na frente delas e nos escondemos atrás das árvores. Logo elas apareceram, procurando por nós, com medo de estarem perdidas na mata. Assim que passaram, saímos todos de uma vez do esconderijo e demos um baita susto nelas.

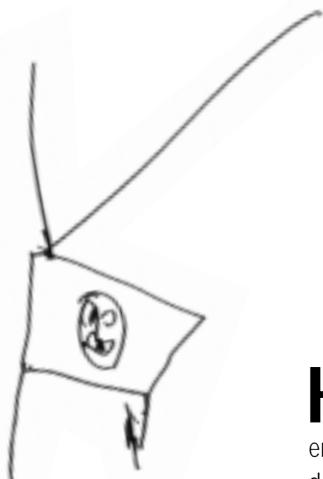
De repente, uma forte chuva começou a cair. No começo ficamos assustados, pois o forte barulho dos trovões e o escuro do céu eram muito diferentes do clima que tínhamos até então. Mas logo percebemos que tomar chuva na mata é muito divertido.

Depois de alguns escorregões e muitos risos, chegamos todos ensopados e cheios de barro na casa da Praia do Engenho, mas muito felizes pela divertida aventura.

Antes de dormir, fizemos todos uma linda oração e pedimos a Deus que nos ajude sempre proteger as nossas florestas, para que possamos, sempre, repetir essa deliciosa aventura.

Zé Pupo, pai do Zé Pedro (G5M)





O que podemos fazer para usar a televisão como instrumento de aprendizado, reflexão e de formação do senso crítico de nossos filhos

De bem com com a TV

Há inúmeros debates sobre a influência nociva da TV na vida das crianças, tanto em aspectos comportamentais (agressividade e consumismo, por exemplo), como de natureza física, como obesidade e disfunções motoras.

Tudo isso é certo e há cada vez mais pais, educadores, juizes e ONGs dedicados à defesa das crianças que estão preocupados com o assunto. E é nosso dever, como pais, ficar atentos ao tema, impondo limites aos nossos filhos no uso da televisão e reivindicando aos responsáveis uma programação de qualidade.

Esse é o lado negro da TV que todo mundo conhece. Mas como tudo na vida tem dois lados, vamos falar do lado construtivo da televisão, que não é tão popular assim.

Descobrimos um site muito interessante sobre televisão e responsabilidade social, a TVER, uma ONG que discute a qualidade da programação das emissoras de TV. A entidade tem um projeto que ajuda a promover a reflexão crítica sobre a televisão para formar telespectadores conscientes, expondo aspectos positivos e negativos dessa mídia.

Vamos trazer agora um pouco do lado bom da televisão que descobrimos no site da Tver e como podemos fazê-la trabalhar em nosso favor.

TV ensina. Ela mostra pessoas e lugares diferentes que não conhecemos. Com isso, abre novos horizontes e nos faz pensar em coisas que não pensaríamos sem ela. Pensar é o que nos caracteriza como seres humanos e quanto mais

pudermos pensar, melhor. O que estamos propondo fazer juntos é “pensar a televisão”. E, depois de pensar, podemos ter uma visão mais crítica da televisão.

Dentro desta proposta, nós pais, podemos ajudar nossos filhos a se tornar cidadãos conscientes, aproveitando os programas para desenvolver na criança a habilidade de leitura crítica da televisão:

☑ participar com a criança desse tipo de lazer, conversar sobre o que foi visto para esclarecer mal-entendidos e esclarecer dúvidas eventuais. É assim que se inicia de modo discreto um longo processo de desenvolvimento do pensamento observador e crítico.

☑ assistir ao programa a que as crianças estiverem assistindo, o que permitirá saber o conteúdo do programa e lhe dará uma oportunidade de discuti-lo com eles. Seja ativo: fale e faça conexões com seus filhos enquanto assistem aos programas.

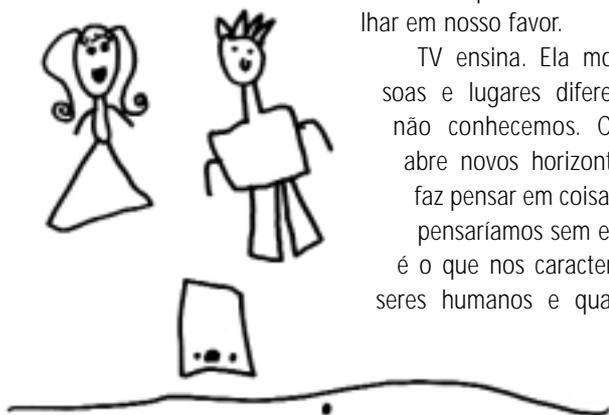
☑ ligue a TV somente quando houver algo específico que você decidiu que vale à pena assistir. Dê preferência para os programas educativos.

☑ informe-se sobre os filmes exibidos na TV e sobre os vídeos disponíveis. Deixe claro para seus filhos os filmes que você considera apropriados.

☑ torne-se um alfabetizado em mídia. Aprenda e ensine seus filhos a avaliar criticamente as ofertas publicitárias nos meios de comunicação.

Mais informações sobre esse tema poderão ser encontradas no site da TVER – Televisão e Responsabilidade Social - www.tver.org.br

Paola e Sergio, pais do Nicolas G5M





Dar ou não dar a chupeta, eis a questão

Pais devem detectar necessidades dos filhos, combinar com eles as situações de uso e estar seguros sobre a hora da retirada

A chupeta é ou não um problema? Atualmente, a educação dos nossos filhos está impregnada por muitos cuidados médico-higienistas. Por isso, hábitos antes vistos como normais são hoje considerados errados ou causadores de problemas. E nós, que queremos oferecer o melhor aos nossos filhos, ficamos perdidos ou nos sentimos culpados. Se não damos a chupeta quando o bebê chora, morremos de culpa. Se damos, acontece o mesmo. Talvez o melhor seja considerarmos os filhos que temos. E é bom lembrar: o eixo principal da educação é o vínculo afetivo. Com bom senso, não tomaremos atitudes que possam provocar danos permanentes nos filhos.

Alguns bebês conseguem dar conta da necessidade de sucção por si mesmos: muitos sugam a própria bochecha ou lábios; alguns ficam saciados com a amamentação; outros, não. Esse reflexo está associado à parte emocional. Sugando o peito, a mamadeira, o dedo ou a chupeta, o bebê sente-se protegido e seguro.

Então, dar ou não a chupeta é decisão que cabe aos pais, que devem tentar conhecer seus filhos e identificar suas necessidades. Sempre é bom checar quem precisa mais de chupeta: o bebê ou os pais que não agüentam ver o filho chorar ou estão

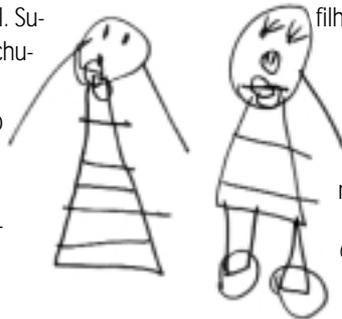
cansados demais para ninar ou acalmá-lo?

A verdade é que, pouco a pouco, algumas crianças se agarram à chupeta. O tempo passa e começamos a nos preocupar: tirar ou não a chupeta e como fazer isso? É bom sabermos que tirar a chupeta, em geral, causa sofrimento à criança, mesmo que ela concorde com a decisão. Nós devemos estar seguros para suportar a resistência que, certamente, os filhos expressarão.

O melhor é combinar com a criança, determinarmos em quais situações ela irá ou não usar a chupeta e, respeitando seu ritmo, tentarmos tirar cada vez um pouco mais. Daí para frente, a questão é nossa. Nós é que, com firmeza, faremos a criança acatar o combinado. Vale dizer que não existe idade certa, errada ou limite para tirarmos a chupeta. Precisamos conhecer as necessidades dos nossos filhos e o momento ideal para tirá-la.

Recurso usado é propor uma troca: brinquedo no lugar da chupeta. Pode até funcionar. Mas talvez o princípio embutido não seja tão inocente como parece. Na vida nem tudo tem troca. Às vezes, perdemos coisas importantes e ficamos sem nada. Afinal, nem tudo deve ter como base o consumo.

Cláudia, professora (G1/G2T), a partir de artigo de Rosely Sayão Folha de S.Paulo. Cad. Folhaequilibrio. (1º/5/2003)



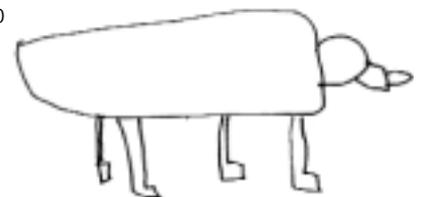
Nossa estratégia: paciência e tranquilidade

Pacifier. Em inglês a chupeta traz em seu nome todo o conceito. Pacificador de lares, de choro, de insegurança, do sono. Meu primeiro filho começou a chupar chupeta com menos de um mês. Quando o segundo nasceu, eu já tinha comprado a chupeta. O médico apoiou, dizendo que o bebê tem uma necessidade de sugar, e que a chupeta realmente o acalma. No entanto, aconselhou ele, quando a criança faz um ano a chupeta deve ser usada apenas na cama. Se ela quiser usar a chupeta, sempre pode, mas só na cama. Assim, fica associada ao descanso, ao relaxamento, e não é usada para fugir da realidade em qualquer lugar.

Estávamos indo bem. Depois do primeiro ano a chupeta era usada só para dormir ou descansar. Mas apareceu um elemento que desestabilizou a rotina: o ciúme do novo irmão. A chupeta virou grande companheira de todas as horas. E as mínimas coisas viraram motivo para uma choradeira acompanhada de: "eu quero a minha chupeta!"

Pensando friamente: existem vários métodos que podem ser utilizados, que já foram comprovados por muitos pais. Dar a chupeta a uma criança que não tenha, jogar fora quando faz aniversário

etc. Conversar com o filho – como fizemos para tirar a fralda – acho o mais justo. Explicar sempre funcionou muito bem. Ele entende na maioria das vezes. Mas quando tocamos no assunto chupeta é quase um tabu. Sabemos que o motivo é o ciúme do irmão. Por isso, estamos dando um tempo. Intuo que precisaremos ser um pouco mais firmes. Mas, para isso, devemos mostrar segurança e tranquilidade. E principalmente ter muita paciência. Às vezes a vida está um pouco atrapalhada e não temos esta tranquilidade toda. Assim, como esperamos que as crianças amadureçam em relação a determinados assuntos, tenho certeza de que elas também podem esperar um pouco para que tomemos certas atitudes. Lembrando que não vamos fugir das responsabilidades como pais. E que não vamos deixá-las chupar chupeta até os 18 anos.



Keren, mãe do Caubi (G3M)



MPB ao violão



A coleção *MPBaby* tem início este mês com dois CDs: *Canções de Ninar* e *Cantigas de Roda*. As canções são impecavelmente interpretadas pelo violonista Reginaldo Frazzato Jr., músico e arranjador formado pela conceituada

Berklee College of Music, nos EUA.

O violão foi escolhido pois é o instrumento que melhor representa a MPB e também por sua sonoridade relaxante e doce.

A coleção se destaca pela excelente qualidade musical, tanto que não é dirigida apenas a bebês e crianças, mas também a adultos que apreciam a música brasileira ou o som do violão, a educadores comprometidos com a boa educação musical, a futuras mães e a todo adulto que gosta de música tranquila.

Canções de Ninar apresenta as canções tradicionais da cultura brasileira, aquelas que nossos avós cantavam para nossas mães e que ainda hoje cantamos para ninar nossos filhos.

Cantigas de Roda com cantigas típicas de brincadeiras.

Em breve estará disponível o terceiro volume da coleção: *Músicas Populares*, com sucessos que os adultos terão prazer em ensinar as crianças e em cantar com elas, também trazendo o violão de Reginaldo.

Eliane, mãe da Isadora (G6M) e da Paula (G4M)

Massa de sal

2 copos de farinha
1 copo de água
1 copo de sal

Receita com cor

2 copos de farinha
1/2 copo de água
1/2 copo de guache colorido
1 copo de sal

COZIMENTO

Tirar a peça da bandeja de isopor e colocar a peça com o papel alumínio numa forma de bolo.

Para uma peça do tamanho de uma bandeja pequena, cozinhar de 2 a 3 horas em forno baixo.

PARA A CONSERVAÇÃO DA PEÇA:

Após o cozimento, passar 1 ou 2 camadas de verniz.

Bolo de maçã do dia das Mães

3 maçãs
1 e 1/2 xícara de açúcar
3 xícaras de farinha de trigo
1 colher de sopa de canela
1 colher de sopa de pó royal
1 xícara de óleo
3 ovos

MODO DE FAZER:

Descascar a maçã, bater a casca no liquidificador com o açúcar, os ovos, o óleo e a canela.

Despejar na tigela e acrescentar o pó royal, a farinha e mexer bem. Depois acrescentar a maçã picada e colocar em forma untada.

Fica melhor em forma redonda de buraco no meio.

Elza, auxiliar de serviços gerais

Classificados

Aluga-se casa mobiliada em Trancoso (BA) com dois quartos, banheiro e cozinha. Empregada opcional. Local tranquilo, próximo do quadrado. Tratar pelo tel. 3816-3224, com Eduardo ou Malu, pais da Mariana e do Gabriel (G5M)

Baby Sitter

LUCIENE – Tel.: 9885-4529
Sábados, domingos e feriados

RAQUEL – Tel.: 9249-0724
Durante a semana, manhãs e noites

Como pensam nossos pequenos?

Conversa entre Alan (G3M) e seu pai, Gilles

O pai fala:

- Ai, que dor nas pernas!
- É por causa da corrida da baratona papai?
- Que baratona, Alan?
- Você não tava correndo de uma baratona grande?

